

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

- G. Carvajal; A. Rojas; C. Acuña (1941). **Descobrimientos do rio das Amazonas**. Trad. anot. C. de Mello-Leitão. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Ed. Nacional, p. 11-79.
- P. Commelin (2011). **Mitologia grega e romana**. Trad. E. Brandão. São Paulo: Editora WMF Fontes.
- J. Daniel (1976). **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- M. Kury (2008). **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Zahar.
- M. F. Krüger (2011). **Amazônia: mito e leitura**. Manaus: Editora Valer.
- F. G. Sampaio (1974). **As Amazonas, a Tribo das Mulheres-Guerreiras**. São Paulo: Editora Aquarius.
- J. M. N. Torção (1993). **Camila, a virgem guerreira**. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- A. S. Ugarte (2003). “Margens míticas: A Amazônia no imaginário europeu do século XVI” in M. Del Priori; F. S. Gomes. **Os senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias**. Rio de Janeiro: Elsevier.



OS RITOS NOS FESTIVAIS: ORIGENS E FORMAS

Alexandre Lira Sá [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Este ensaio trata das origens e das formas dos ritos nos Festivais Folclóricos de Parintins. Por isso partimos dos pressupostos e das noções do que são os ritos, ao mesmo tempo, que enfatizamos as origens dos rituais nas festividades greco-romanas. As referências à Parintins se dá mais precisamente na competição dos bois no Bumbódromo e nas encenações que ali são realizadas. Consideramos que o espetáculo que acontece na arena do Coliseu Parintinense faz parte de um legado dos tempos festivos da Antiguidade. Pesquisas relacionadas às festividades e aos ritos foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho, citamos, por exemplo, Megale (2000), Santos (2010), Segalen (2002) e Dias (2009).*

Palavras-chave: Festivais. Ritos. Coliseu. Bumbódromo.

Os ritos manifestam-se a partir de qualquer forma de expressão artística, religiosa ou cultural. E assim passam a ocupar outros espaços em diferentes tempos como se houvesse uma

repetição dessas representações. De acordo com Dias (2009, p. 03), “O ato ritual parte da prática vivenciada para a teoria/interpretação. E isso faz dele sempre um símbolo a ser absorvido por novos indivíduos em novas épocas, sucessivamente”. Essas interpretações não ficam esquecidas na memória, pois de alguma maneira elas continuam sendo representadas por outras gerações descendentes ou não; ou se redefinem conforme os costumes de um determinado povo. “O rito, então, não é uma celebração fechada no tempo e no espaço, antes, porém, transcende as delimitações físicas dos locais onde acontecem” (*ibidem*, p. 02). As diversas manifestações ritualísticas mostraram-se fortalecidas na dança, na música, no teatro e nas festividades populares do Brasil, especialmente em Parintins.

Segundo Costa e Guilouski (2012, p. 02), “O rito é a poesia que o ser humano cria com o intuito de impressionar a divindade, os espíritos ou as forças da natureza e assim obter o seu favor”. Os ritos sagrados e os ritos profanos têm características divergentes mas se assemelham quanto às práticas e interações sociais. Para Eliade (2006, p. 81), “Há, por um lado, os intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os actos privados de significação religiosa”. A religião, de caráter sagrado, tem se tornado cada vez mais potente no mundo e conserva uma longa tradição de leis e regras que influenciam os fiéis a seguirem seus dogmas. Em contrapartida, tem-se os festivais populares que estão concentrados do lado profano da existência, mas que possuem uma identidade tradicional firmada em outras sociedades como na cultura greco-romana. Os jogos e as competições movimentavam as festividades dos povos no Mundo Antigo assim como hoje a competição de duas agremiações folclóricas que se encontram na arena do bumbódromo movimenta a cidade de Parintins.

Os ritos estão numa escala de performance de determinados valores culturais e sociais. São representações simbólicas que visam estabelecer aproximação do homem com o divino. Para Megale (2000, p. 72), “O rito representa um processo específico de comunicação com as forças sobrenaturais. É constituído por fórmulas, gestos ou sinais que possuem determinada significação”. E esses gestos e palavras estão vivas nas ações do próprio indivíduo em

variados meios do convívio social, uma vez que a interferência religiosa e cultural também é constante e predominante em territórios longínquos. Exemplo disso é que a cultura greco-romana transcendeu e ultrapassou o tempo e o espaço fazendo refletir seus valores e pensamentos, acrescentando e transformando outras sociedades.

As festividades iniciadas em Roma trouxeram um caráter novo para a vida em comunidade, pois passaram a dar um novo sentido para a passagem dos dias e para cada período do ano. Nas análises de Megale (*ibidem*, p. 64):

A origem das festas está no uso que se encontra em todos os grupos humanos, de dividir o tempo em fases distintas, havendo ritos especiais para marcar o dia que assinala a passagem de um período para outro. Assim, entre os povos primitivos as principais festas coincidem com o início da primavera, a colheita dos frutos e o fim dos trabalhos agrícolas.

Em Roma, a população festejava a abundância das suas plantações e isso acabou se solidificando na tradição da comunidade em forma de rito. A safra do plantio marcava um tempo de muitas festas para os romanos. A demarcação do tempo também se cumpria a partir dos trabalhos agrícolas, uma vez que os camponeses passaram a observar cada período do ano levando em consideração as fases do ciclo agrário. Segue a seguinte análise:

Apesar de suas diferentes origens, todas as populações que formavam o império tinham em comum a natureza agrária de suas sociedades. Essas sociedades antigas tinham uma noção de tempo cíclica, ou seja, o tempo seguia um movimento regular, em círculo, que se repetia periodicamente de maneira constante. Este não se desenrolava à parte do mundo dos homens, cada momento possuía um conteúdo preciso, específico e determinado. Sua cadência era ditada, e percebida, pelos ritmos da natureza, pela vida orgânica daquelas populações, de maneira que o calendário antigo espelhava a alternância das estações e dos trabalhos agrícolas relacionados a elas (SANTOS, 2010, p. 05).

A questão do tempo se cumpria conforme as sentenças divinas, logo “O tempo não era uma entidade abstrata, vazia. Ele

passou a ser visto como um dos domínios dos deuses, e entre estes e os homens havia uma relação constante, de modo que se acreditava que as ações humanas podiam intervir em suas mudanças, na medida em que agradassem ou não às divindades” (*ibidem*, p. 06). O conhecimento empírico foi a principal forma de se compreender o tempo e suas modificações. As noções humanas determinam o espaço social a partir do dinamismo natural. Os festivais celebrativos tornaram a vida social mais dinâmica e interativa. E as primeiras festividades eram variadas em comemoração à safra do plantio:

Logo no início do ano havia duas festividades, a *sementivae feriae* e a *paganicae*. Ambos eram festivais de sementeira, só diferiam no fato de que a primeira era comemorada na cidade de Roma e a segunda nos distritos rurais. Estas festas eram celebradas em Janeiro, pois, uma vez que o Império Romano situava-se no hemisfério Norte, é nessa época que o inverno começava a abrandar, e a terra se encontrava no período propício para o plantio das sementes. Não possuíam data fixa em decorrência da dependência do clima, e cabia aos pontífices anunciar a data da comemoração. Eram comemoradas uma vez, e novamente após sete dias (*ibidem*, p. 02).

As diversas festividades romanas eram celebrações em homenagem às divindades, pois eram elas as responsáveis pela fartura concedida ao povo. Para todo tipo de plantação havia uma divindade que levava os benefícios para uma boa sementeira e, a cada colheita, cerimônias eram organizadas em comemoração à abundância do alimento e, principalmente, homenagens às divindades não poderiam faltar. A *Floralia*, por exemplo, era uma festa em honra à deusa *Flora*, e que começava no final de abril e se estendia até o início de maio:

Flora era a deusa das plantas e das árvores, chamada por Ovídio de Mãe das Flores. Era considerada a potência da natureza que presidia a tudo que floresce, não só nos jardins, como nos campos. A *Floralia* era uma das festas mais populares de Roma. *Flora* era considerada também a mãe da primavera, deusa das flores e da fecundidade. Suas festas celebravam a chegada da primavera, o amor, a fertilidade, o mundo vegetal em sua conexão com os

homens, a juventude e o ciclo biológico humano. Seus rituais envolviam o ato de espalhar sementes pelo solo a fim de torná-lo fecundo (*ibidem*, pp. 2-3).

Nas pesquisas de Montalvão (2011), o autor cita outros importantes festivais romanos e suas principais características: *Cerialia*, *Consualia*: Reservas Alimentícias; *Equirria*, Festival de Marte: Celebração do Período da Guerra; *Ludi Romani*, *Ludi Plebi* (Consagrados a Júpiter): Vida em comunidade; *Matronalia*, Festival de Vênus: Cultos públicos ou domésticos relacionados à vida familiar; *Lemuria*, *Parentalia*: Culto dos mortos. As origens dos ritos nos festivais se configuram também a partir dos exemplos anteriormente destacados.

As festas religiosas exigiam que se cumprissem todos os ritos necessários conforme determinava a lei divina. As festas profanas seguem determinados ritos de acordo com as leis do homem, mas respeitando a tradição do antepassado. As festas na antiguidade surgiram como manifestação e valorização das ideologias dos grupos sócio-culturais:

A festa é um fato social, um ato coletivo, que constitui o momento e o espaço da celebração. Como ato coletivo, representa uma das ocasiões mais intensas de compartilhamento de experiências e produção de discursos e significados, é um espaço por meio do qual se veiculam as crenças e os valores do grupo, constituindo-se num momento de afirmação da identidade coletiva, e percepção de conscientização sobre o pertencimento a um determinado grupo (SANTOS, 2010, p. 11).

O momento festivo significa afirmar a identidade de cada indivíduo dentro da escala social. As crenças e os valores que são defendidos por vários grupos sociais representam sua forma de viver e interpretar o sentido da existência. O Compartilhamento desses ideais com o outro vem estabelecer comunicação e formar a coletividade necessária para o crescimento do grupo.

Para Dias (2009, p. 03), “um determinado rito observado em certo lugar pode ser (re)significado por novas observações fora dos modelos sociais em que nasceu, se desenvolveu e foi realizado durante um espaço de tempo...”. Outras sociedades, portanto, podem

sofrer influências ao longo do tempo com o aparecimento de novas práticas ritualísticas. As observações serão sujeitadas aos valores e conflitos de determinado grupo social e, assim, outros sentidos se formarão a cerca dos rituais.

O município de Parintins no Amazonas abriga uma importante manifestação cultural marcada pela rivalidade dos Bumbás Caprichoso e Garantido. O festival folclórico acontece uma vez por ano no mês de junho na arena do bumbódromo, o coliseu parintinense. Partindo desse pressuposto, supõe-se que o maior festival folclórico do Brasil seja uma manifestação explícita dos festivais romanos; e que o bumbódromo surge como uma representação do coliseu em Roma onde aconteciam as grandes competições.

No contexto dos duelos entre gladiadores, os combates eram cercados de rituais e de severas regras as quais visavam o equilíbrio da disputa, e a audiência era fundamental para a atuação dos gladiadores na arena, pois esta interação entre gladiadores e audiência estava fundamentada na técnica, na coragem, na habilidade e na destreza demonstrada pelos combatentes. Os gladiadores deveriam cativar o público e a audiência através de sua habilidade de lutadores, tornando as lutas mais emocionantes (MONTALVÃO, 2011, p. 07)

O duelo entre as duas nações não deixa de ser empolgante na época do festival: de um lado está a nação azul e branco (Caprichoso); e do outro a nação vermelha e branca (Garantido). A rivalidade que sustenta a originalidade da festa promove um grande espetáculo durante três noites. Os maiores gladiadores da arena são exatamente os bois, pois são eles os anfitriões da festa e os itens mais aguardados durante as apresentações. Os demais combates acontecem a partir do julgamento de outros itens individuais e coletivos. A briga é por uma apresentação excelente, é por uma nota máxima para cada quesito a ser analisado. A torcida faz parte dessa incansável luta em busca do troféu de campeão do festival.

Essas apresentações são marcadas por rituais surpreendentes, momentos os quais são observados as celebrações, as danças, os cantos e as encenações das personagens. São momentos marcantes que procuramos entender a história daquelas performances de

características indígenas. Os ritos não ficam parados em um único espaço ou em um único tempo, por isso que festividades como essa não são originalmente totêmicas. Há muitas interferências culturais que provocam uma mudança constante em lugares diferentes. E o legado que adquirimos estão nessas brincadeiras, na forma como encaramos uma disputa.

Segundo pesquisadores, o festival de Parintins tem essência religiosa, mas devido às diversas transformações que aconteceram no decorrer do tempo a festa acabou adquirindo outras formas a fim de manifestar a cultura local. Hoje, os bois da ilha procuram representar o lado sagrado nas apresentações de arena. Commelin (2011, p. 392) aponta em seus estudos que:

Na Grécia e em Roma, os jogos públicos tiveram desde a origem um caráter essencialmente religioso. Foram instituídos na Grécia nos tempos heróicos, seja para aplacar a cólera dos deuses, seja para obter seu favor ou agradecer seus benefícios. Na opinião dos povos, a divindade, tendo todas as nossas paixões, deixava-se desarmar ou conquistar pelo efeito do prazer e das diversões.

Na maioria das vezes os bumbás prestam homenagens aos santos padroeiros de Parintins; e seguem-se os rituais em procissão à chegada e saída dos santos venerados. A igreja tem buscado participar ao máximo desse momento festivo, pois é peça fundamental do cotidiano caboclo. Aquilo que é consagrado profano nem sempre vai ficar à margem daquilo que se considera sagrado. Pode-se muito bem fazer uma transição de um para o outro sem deixar os seus valores se comprometerem.

Nos estudos de Segalen (2002, p. 117), “Os ritos insistiram especialmente na recorrência das formas, estruturas ou sentidos. Eles insistiram especialmente nas recorrências das formas, necessárias para fortalecer uma moldura à experiência e para atribuir, à força de repetição, o esboço de uma linguagem de que todos compartilhem os símbolos”. É o que de fato os rituais nas festividades do Brasil procuram estabelecer quando se trata de impor uma concepção de linguagem conhecida para todos. Há muitas interpretações ou formas de ritos nos grupos sociais que insistem com que as pessoas se envolvam ou se convertam com base nos seus valores ideológicos; e

que ali se aprenda uma única linguagem. Para além dessa perspectiva, Costa e Guilouski (2012, p. 09) situam que, “os rituais indígenas não estão separados da vida cotidiana. Há diferentes elementos simbólicos, como danças, cantos, pintura no corpo, adornos, vestimentas de palha e de materiais diversos extraídos da natureza. Os rituais fundamentam toda a realidade e organização da comunidade”. As sociedades indígenas possuem um contato direto com os ritos, estabelecendo assim uma proximidade maior com o sobrenatural. É importante destacar que algumas das festas celebrativas indígenas se assemelham com as primeiras manifestações ritualísticas ocorridas em Roma:

As festas também são exemplos de rituais celebrativos e acontecem na época da colheita do milho, da mandioca, da caça e da pesca. Nestas festas, as variadas formas de pintura do corpo, os enfeites com penas, os cantos e as danças têm grande importância. As cores mais usadas são o vermelho, o preto e o branco, cujas tintas são extraídas do urucum, jenipapo, carvão, barro e calcário (*ibidem*, p. 10).

As festas em comemoração à colheita expressam muito bem as origens dos ritos romanos nas festividades sagradas e profanas, tais quais sofreram alterações ao longo do tempo, mas se adaptaram às novas formas de se pensar e fazer o rito. As crenças e valores das comunidades indígenas exercem muita influência sobre a realidade das sociedades não indígenas. Tomamos como dado específico o próprio festival folclórico de Parintins que tem característica inteiramente indígena, embora haja a importante presença do branco para o acontecimento da festa.

Para Santos (2010), a existência dos calendários era oficial na Roma Antiga, mas eram particulares e restritos aos nobres. Porém, o surgimento das festas revolucionou a estrutura social dos menos favorecidos, pois passaram a marcar o tempo conforme as datas festivas que se seguia; são elas que garantiram a repetição e atualização de ritos, enfim, as celebrações. Os rituais que são repetidos por várias gerações buscam fortalecer ou manter viva o sentido da manifestação. A ignorância humana torna-se ainda mais evidente ao observar determinados ritos de forma estranha, mas sem compreender o real sentido das ações. Para Turner (1974, p. 20), “(...)

uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas”. A partir dessas indagações, passamos encarar o rito como “uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo” (SEGALEN, 2002, p. 31).

A formação cultural dos povos atualmente tem origem relativa, pois os ritos que passaram por várias gerações são de caráter das religiões pagãs. Muitas das festividades populares tem essa relação com o que denominamos de profano:

a sociedade romana antiga, através de representações-interpretações, estabeleceu uma ordem que explicava o funcionamento da natureza através dos deuses, permitindo-lhe organizar uma maneira de controlar essa natureza, através de ritos e preces. Essas representações-interpretações, esses ritos e preces, ao serem reproduzidos, e passados de indivíduo para indivíduo, geração para geração, se consolidaram na tradição através das religiões pagãs, se tornando parte da cultura desta sociedade (SANTOS, 2010, p. 08).

Hoje o que se celebra no festival de Parintins tem característica bastante particular, mas o processo pelo qual se originou algumas das festas mais populares do Brasil deve-se às iniciativas dos povos menos abastados de Roma. Eles criaram as suas próprias ilusões e marcaram o próprio tempo ao ritmo da natureza. A representação do coliseu reflete na imagem do bumbódromo todas aquelas encenações de danças, música, teatro, lutas e jogos. Lima-Mesquitela, Martinez e Lopes Filho (1991) vêm salientar que os ritos têm como funções de manter a cultura integrada e estabelecer um elo com o passado dos indivíduos envolvidos, para que assim eles possam reviver algumas das principais experiências já vividas por seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- P. Commelin (2011). **Mitologia grega e romana**. Trad. E. Brandão. São Paulo: Editora WMF Fontes.
- D. R. Costa; B. Guilouski (2012). “Ritos e Rituais”. **Anaid da II Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades - Subjetivação Contemporânea e Religiosidade, Escola de Educação e Humanidades**. Curitiba. Pg. 91-109.
- P. R. Dias (2009). “Ritos e Rituais – vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade”. **Vidya 2**, p. 71-86.
- M. Eliade (2006). **O sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Trad. R. Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil.
- A. Lima-Mesquitela, *Et Alii*, (1991). **Introdução à antropologia cultural**. Lisboa: Editorial Presença.
- N. B. Megale (2000). **Folclore Brasileiro**. Petrópolis: Vozes.
- S. M. Montalvão (2011). “Jogos de Gladiador como Rito Romano: das origens religiosas como celebração popular até seu caráter de entretenimento de massa”. In **Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura**, n. 50. pg. 27-42.
- C. B. Santos (2010). “As festas religiosas e a demarcação do tempo na Roma Antiga”. **Rev. Alétheia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo 2**. Pg. 1-12.
- M. Segalen (2002). **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio Janeiro: FGV.
- V. W. Turner (1974). **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Trad. N. Campi de Castro. Petrópolis: Vozes.



PROMETEU E SUA INFLUÊNCIA EM A DERROTA DO MITO

Cássia Arianny Pimentel de Freitas [UEA]
Tadeu da Silva Macedo [UEA/FLUC]

Resumo: *Este artigo tem por objeto de análise e estudo o drama “A derrota do mito” de Tenório Telles representada através dos atos e ações do homem da atualidade, a qual faz intertextualidades de obras do Mundo Clássico, é uma dramaturgia elegíaca de desesperança, composto por personagens mitológicos que se explica a realidade dos humanos e que os cercam. E, neste preposto trabalhará a influência épica de Prometeu - Ésquilo para o teatro, sua simbologia, adaptações e apropriações tratada*